



## SAUSSURE E AS ESTRUTURAS LEXICAIS<sup>1</sup>

## SAUSSURE AND THE LEXICAL STRUCTURES

*Margarida Basilio<sup>2</sup>*

### RESUMO

Neste artigo, pretende-se enfatizar a importância da contribuição de Saussure para a compreensão do léxico e sua relevância nas línguas naturais, comparando a abordagem de Saussure com uma proposta clássica para um modelo de relações lexicais na teoria gerativa. Finalmente, discute-se, em termos gerais, a controvérsia regras/analogia em relação ao léxico, ainda em curso nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Morfologia; Saussure; Analogia; Regra.

### ABSTRACT

In this paper, we intend to emphasize the importance of Saussure's contribution to the understanding of the lexicon and its relevance in natural languages, comparing Saussure's approach with a classical proposal for a model of lexical relations in generative theory. Finally, it discusses, in general terms, the rules/analogy controversy in relation to the lexicon, still ongoing today.

**Keywords:** Morphology; Saussure; Analogy; Rule.

---

1 Trabalho apresentado na Mesa-Redonda "Os 80 anos de publicação do *Curso de Linguística Geral* de Saussure". II Encontro Nacional do CELSUL, Florianópolis, 1997. Texto inédito, ainda não publicado.

2 Professora Emérita do Departamento de Letras da PUC-Rio e associada ao Programa de Pós-Graduação Letras da PUC-Rio, [marbas@centroin.com.br](mailto:marbas@centroin.com.br)

Certamente não foi por acaso que Saussure se absteve de publicar em forma escrita suas ideias sobre Linguística Geral. Além da preocupação com o rigor científico e a consciência de alguns problemas remanescentes em suas propostas, conforme atestam biógrafos e comentadores, é provável que ele conhecesse melhor do que ninguém as dificuldades da empreitada, já que a linearidade compulsória da fala virtualmente inviabiliza uma abordagem cabal das línguas como sistemas de valores.

Tendo desistido de dar solução a seus dilemas desde o início da década de 1890<sup>3</sup>, é com grande hesitação e escrúpulos que, diante de insistentes convites, Saussure finalmente aceita a incumbência de ministrar os cursos de Linguística Geral, dos quais a quase totalidade, no entanto, ainda vai incidir sobre Linguística Histórica. Na verdade, o imenso legado que Saussure nos deixou sobre Linguística Geral vem de notas correspondentes a um número diminuto de aulas, sobretudo a primeira do segundo curso e as duas últimas do terceiro curso. Assim, é de modo arrevesado, e por obra de seus discípulos, que o pensamento saussuriano permaneceu com a humanidade.

Felizes herdeiros desse legado, aqui nos reunimos para honrar sua memória, por ocasião da passagem dos oitenta anos de publicação do Curso de Linguística Geral. Felizes, sim, mas também conscientes da dificuldade da tarefa de falar sobre uma construção teórica para a qual formas entrecruzadas multidimensionais constituiriam meio bem mais adequado de abordagem do que a língua formal escrita e falada a que estamos circunscritos.

Não podemos falar ao mesmo tempo, em todos os seus entrecruzamentos e razões de ser e valer, das noções de valor como determinante de realidade e identidade; da noção de signo dando sentido à união de dois cortes arbitrários nas massas amorfas dos sons e sentidos e fazendo nascer a relação significante/significado; o corte da linha evolutiva instituindo o estado sincrônico, como condição de possibilidade para a abordagem estrutural; a noção de valor que emerge dos cortes arbitrários, estabelecendo os limites de identidade e realidade dos signos; a analogia constituindo a força produtiva virtual; e relações associativas definindo quaisquer possibilidades de relações sintagmáticas.

Esse entrecruzamento de princípios e oposições, de expressão incompatível com a forma linear, é, no entanto, perfeitamente adequado para se pensar o léxico. Isto, naturalmente, não é coincidência, porque Saussure, em grande parte, define a *langue*, a forma da língua, como o léxico: como inventário de signos, como o tesouro depositado na cabeça do falante; como o conjunto de formas pensadas e conhecidas pelo falante; como sistema de signos e valores. Neste trabalho, pretendo enfatizar a importância da contribuição de Saussure para a compreensão do léxico e sua relevância nas línguas naturais humanas.

---

3 De acordo com Godel (1957), Saussure já falava dos problemas encontrados em correspondência com Meillet datada de 1894. Saussure já tinha, portanto, todo o seu pensamento sobre Linguística Geral plenamente consolidado desde esta época, o que explica suas hesitações em publicar. É clara, portanto, a anterioridade da proposta saussureana em relação à proposta estruturalista de Bloomfield. Para mais detalhes, ver também De Mauro (1972).

De início, abordo a oposição *langue/parole* em relação ao tratamento dos fenômenos lexicais em Saussure. Em seguida, comparo a abordagem de Saussure com uma proposta clássica para um modelo de relações lexicais na teoria gerativa. Finalmente, discuto em termos gerais a controvérsia regras/analogia em relação ao léxico, ainda em curso nos dias de hoje.

## I.

Na distinção *langue/parole* de Saussure, a *parole* corresponde à atividade livre e individual do falante na utilização da *langue*, enquanto a *langue* corresponde ao sistema de valores subjacente. Em outro ângulo, Saussure lida com a morfologia do léxico em termos do mecanismo de analogia, interpretada com a quarta proporcional. Diz ele, por exemplo, que *carteiro* não vem de *carta*, mas de um modelo do tipo *prisão :: prisioneiro*. Em referência a questões lexicais, diz Saussure que “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. Uma forma analógica é feita à imagem de outra ou outras, segundo uma regra determinada (...); supõe a consciência e a compreensão da relação que une as formas entre si” (SAUSSURE, 1916, p. 187). Assim, o mecanismo de analogia está na esfera da *langue*. Acrescenta ele, porém, que é necessário distinguir a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si do resultado sugerido pela comparação, que corresponde à forma construída pelo falante, já que apenas esta última pertence à fala. Assim, conclui, a analogia nos ensina a separar a língua da fala, colocando esta como dependendo daquela<sup>4</sup>.

Uma formação lexical, portanto, não é uma cópia aleatória: a possibilidade de uma formação analógica depende da compreensão perfeita da simultaneidade das relações associativas e sintagmáticas. Em outras palavras, a formação analógica é inconcebível sem a prévia análise da relação sintagmática, a qual pressupõe pelo menos duas cadeias de relações associativas. No caso exemplificado anteriormente, a formação de *carteiro* pressupõe a percepção da relação *prisão/prisioneiro*, que inclui a disponibilidade do padrão S+eiro e a simultânea relação *prisão+Suf*, ou seja, a possibilidade de se antepor a -eiro um substantivo, assim como de se pospor a *prisão* outros sufixos derivacionais.

É bastante clara, portanto, a pertinência à *langue* do mecanismo subjacente a qualquer formação analógica. Mas, conforme Saussure nos alerta, o produto eventual deste mecanismo fica no âmbito da *parole*, na medida em que se trata de um ato individual do falante no processo de expressar seu pensamento. A situação, portanto, é clara. Até o momento em que nos damos conta de que, adicionalmente, a *langue* também é considerada como o “reservatório de formas pensadas ou conhecidas do pensamento” (GODEL, 1957, p. 23).

Esta última colocação nos encaminha para a singularidade do léxico: enquanto reservatório de formas pensadas ou conhecidas do pensamento, o léxico é certamente *langue*, o famoso

---

4 Todas as citações e referências deste parágrafo são do capítulo sobre Analogia do Curso de Linguística Geral.

“tesouro depositado no cérebro de cada falante”. Mas este reservatório de formas pensadas ou conhecidas do pensamento certamente conterà um enorme contingente de produtos de formações analógicas, as quais, enquanto criações individuais, pertence(ria)m ao âmbito da *parole*, mas enquanto formas pensadas ou conhecidas do pensamento passam à esfera da *langue*. Temos no léxico, portanto, algo como uma *parole* cristalizada ou *parole* se cristalizando em *langue*.

É de se ressaltar que, na produção de novas formas pelo mecanismo de analogia, enquanto ato individual, não temos apenas a concretização de uma possibilidade já previamente latente; mais do que isso, o uso que o falante faz de uma dada possibilidade, concretizando uma produção lexical, pode ser tanto uma formação que instaura uma alternativa a uma forma pré-existente consagrada pelo uso, quanto pode ser um uso que estabelece uma relação de denominação, a qual, embora não contradiga o valor das partes constituintes, passa a ser distinto delas.

Assim, em oposição a padrões que subjazem à formação e interpretação de palavras morfológicamente complexas, ou signos motivados, teríamos no léxico o fator do uso se incorporando a cada item lexical, dando como resultado uma situação em que “o impossível acontece” (BASILIO, 1987, p. 25), ou seja, em que é comum, ou mesmo esperado, ou banal, que encontremos no léxico formas com interpretação não prevista por padrões de associação lexical do tipo colocado por Saussure. Essas interpretações não previstas, e, de fato, imprevisíveis, naturalmente não podem estar no âmbito da *langue*, mas apenas no âmbito da *parole*, enquanto signos motivados. É neste sentido que teríamos no léxico a cristalização da *parole*. Estes mesmos signos devem, entretanto, ser considerados como pertinentes à *langue*, já que são formas conhecidas do pensamento; neste caso, porém, deverão ser considerados como signos arbitrários.

Deve ser mantida, portanto, esta oposição, esta aparente contradição na proposta saussuriana, porque ela dá conta de maneira ímpar da situação esdrúxula que se verifica no léxico, no sentido de encontrarmos, ao mesmo tempo, formações regulares com seus significados previstos ao lado não apenas de resultados imprevistos em formações irregulares, mas resultados imprevistos ao lado dos previstos em formações regulares, sendo esta última, possivelmente, a situação mais característica do léxico.

Um dos melhores exemplos nesse sentido ocorre com as nominalizações. Tomemos, por exemplo, o próprio termo *nominalização*. Do ponto de vista da *langue*, temos em *nominalização* uma formação analógica a partir de um modelo como *racionalizar/ racionalização*, e podemos considerar motivadamente *nominalização* como “ato ou efeito de nominalizar”. Entretanto, a acepção de “processo sintático ou morfológico de formar um substantivo deverbal” pertence ao âmbito não da *langue*, mas da *parole* cristalizada – ou seja, o uso que se fez de uma estrutura para fins específicos de designação conceitual. Do mesmo modo, *ocorrência* se refere à noção geral abstrata de ocorrer numa visão substantiva, mas pode designar quer algo como “enunciados”,

em Linguística, quer “possíveis crimes registrados numa delegacia policial”<sup>5</sup>. Outros casos corriqueiros incluem, por exemplo, nomes de agentes denominais, produzidos com o objetivo de designação ocupacional, como em *livreiro*, *sapateiro*, etc., em que a função específica é determinada pelo uso<sup>6</sup>.

A visão de Saussure é sincrônica: a incorporação de novas formações no léxico não altera o sistema, na medida em que novas formações são feitas a partir da percepção de relações que já vigoram no sistema. No exemplo anterior, como termo técnico introduzido num determinado momento, *nominalização* certamente mudará as oposições de valores numa linguagem técnica determinada, num subsistema terminológico específico, mas não na *langue* em si, em que continua correspondendo apenas a “ato ou efeito de nominalizar”<sup>7</sup>.

A visão do léxico como *parole* cristalizada, ainda que imperfeita a imagem, por parcial, enfatiza o mecanismo que Saussure propõe do funcionamento da língua, em termos de sincronia, de valor, de mudanças e *langue* relacionada à *parole*, sistema semiológico e fato social, além da oposição entre relações sintagmáticas e associativas e a analogia como princípio fundamental. Ou seja, temos no léxico um sistema de valores, em que cada elemento só pode ser definido em termos de suas relações com os demais. Essas relações se definem sincronicamente: a produção de uma nova forma a partir de um modelo analógico não interfere no sistema, realizando-se apenas no nível da *parole*. Como sistema semiológico e fato social, o léxico consubstancia o corte arbitrário simultâneo de massas amorfas de significado e som que dá identidade formal aos signos arbitrários; os signos motivados só podem sê-lo a partir da simultaneidade da percepção das relações associativas e sintagmáticas, constituindo-se a formação analógica como princípio fundamental nas relações lexicais.

## II.

Tracemos agora um paralelo com modelos mais recentes do léxico, em abordagens gerativas. O modelo apresentado em Jackendoff (1975) foi escolhido para este paralelo pelo fato de ser o primeiro modelo mais elaborado de relações lexicais na teoria gerativa.

O modelo de Jackendoff está centrado na representação de relações lexicais. Jackendoff parte da “lista total” de entradas lexicais e procura definir relações lexicais em termos de

---

5 As nominalizações são grandemente utilizadas na nomenclatura científica, de modo que há inúmeros exemplos de cristalização nesse tipo de texto.

6 Ou seja, embora haja o significado geral “agente caracterizado pelo objeto expresso pela base nominal”, o tipo específico de ação, como *vender* (e não *produzir*, por exemplo), no caso de *livreiro*, e *consertar* (e não *vender* ou *produzir*), no caso de *sapateiro*, é determinado pelo uso.

7 Poderíamos talvez pensar que, na medida em que a formação entrasse no léxico, ela passasse a ser base de reforço ou, pelo menos, elemento disponível para criações analógicas de seu tipo, portanto cristalizando-se, em seu aspecto regular, na *langue*. Isto, entretanto, é de pouca relevância: admitindo um mecanismo de analogia, com seu entrecruzamento de relações sintagmáticas e associativas, devemos admitir apenas um par identificado do tipo [[X]Y], juntamente com uma associação X’. Como isto basta para a criação analógica, nada mais é necessário no nível da *langue*.

facilidade de aquisição de itens lexicais, a partir do critério de informação compartilhada. O modelo estabelece regras de redundância lexical, que representam as relações lexicais, as quais tornam mais fácil a aquisição de uma palavra a partir do conhecimento prévio de outra. Por exemplo, é mais simples adquirir o substantivo *carteiro* pelo conhecimento prévio de *carta*, dada a regra de redundância que relaciona o substantivo X de significado Z com um substantivo X-eiro de significado “indivíduo caracterizado profissionalmente por Z”. Jackendoff também propõe uma medida de generalidade para regras de redundância, calculada a partir do número de produtos atestados, em proporção ao número de produtos previstos.

O modelo de Jackendoff apresenta em comum com Saussure o fato de partir da totalidade do léxico: a lista completa de entradas lexicais para Jackendoff corresponderia a todo o tesouro depositado na cabeça do falante para Saussure. Adicionalmente, Jackendoff estabelece as regras de redundância da forma de que um X da categoria A se relaciona a um X+Suf da categoria B, desse modo se aproximando bastante da proposta saussuriana de relações associativas e sintagmáticas no nível analógico lexical.

A grande diferença entre os dois está no fato de que enquanto Saussure estabelece na *langue* apenas o princípio geral da quarta proporcional para lidar com relações lexicais, assim considerando qualquer aplicação do mecanismo analógico na produção de uma forma específica como um ato de fala, Jackendoff vai mais adiante e coloca uma especificação maior, fixando como fatos da língua as próprias regras de redundância específicas, do tipo [X]V↔[X-ção]S, [X]N↔[X-eiro]S/ag etc.

Esta última diferença pode ser vista de dois modos. Por um lado, podemos considerar que, do ponto de vista de uma língua em particular, a proposta de Jackendoff é mais adequada, mesmo em termos saussurianos, na medida em que concebe uma teia de relações lexicais, exatamente do tipo que Saussure preconiza como constituinte do léxico. Entretanto, é de se ressaltar que a proposta de Jackendoff prevê como possíveis não apenas formações como as exemplificadas acima, mas também formações como ?locajejo, ?joguedo etc., embora neste caso tenhamos a medida de generalidade acusando um teor mínimo. Nesse sentido, portanto, embora a maioria dos exemplos de Jackendoff seja de processos de teor de produção considerável, a medida de generalidade da proposta abarca toda e qualquer formação para a qual tenhamos um modelo do qual possamos extrair um X-. Ou seja, embora representando processos morfológicos específicos numa dada língua, a proposta de Jackendoff apresenta resultados empíricos equivalentes aos que teríamos na proposta analógica de Saussure.

Uma outra diferença entre as duas abordagens é que Jackendoff não se limita à redundância lexical, extrapolando o uso das regras de redundância para o tratamento da produtividade lexical. Neste ponto, divergem profundamente os dois autores, na medida em que o objetivo de Jackendoff, como gerativista, é o de determinar a classe das construções lexicais possíveis, enquanto Saussure estabelece que qualquer produção lexical a partir do uso do mecanismo analógico será um ato de fala.

Curiosamente, Saussure se aproxima mais do que Jackendoff da posição gerativista atual, na medida em que estabelece um princípio geral, que se poderia compreender como universal, segundo o qual o mecanismo de analogia está disponível para qualquer falante, sendo teoricamente irrelevante seu eventual uso, quer para a aquisição de itens de um léxico específico, quer para a fixação de padrões particulares. É de se ressaltar, no entanto, que a analogia proporcional é um mecanismo lógico geral, e não apenas linguístico, o que torna a proposição de Saussure mais próxima de uma visão cognitivista em seu tratamento do léxico.

### III.

Passo, então, a examinar a controvérsia Regra/Analogia na teoria lexical. Existem duas possibilidades definidas de se representar o fenômeno da produtividade lexical. A primeira, em uso corrente a partir do trabalho pioneiro de Aronoff (1976) é considerar que temos no léxico uma série de Regras de Formação de Palavras, que podem ser aplicadas a palavras previamente existentes no léxico, assim formando novas palavras. Assim, por exemplo, a aplicação da regra de adição de *-eiro* a substantivos pode produzir palavras como *olheiro*, *doleiro*, etc.; a partir do modelo *Hegel/hegeliano* podemos formar *chomskiano*, *laboviano*, e assim por diante.

Ou seja, no primeiro caso, formamos palavras pela aplicação de regras que executam uma operação fonológica sobre uma base especificada, com um produto previsível em termos sintáticos e semânticos; no segundo caso, a partir da interpretação prévia do princípio de formação subjacente a um par de itens lexicalmente relacionados, construímos a forma que corresponde à incógnita da quarta proporcional. Qual seria, então, a diferença entre propor Regras de Formação de Palavras regulando as possibilidades de construção lexical e propor para este fim apenas o princípio da analogia?

Parece existir uma diferença empírica, mas esta, na realidade, vai depender do que considerarmos como base suficiente para a formulação de regras. No caso da analogia, é suficiente termos um par de signos motivados transparentes. Assim, de *prisão*, *prisioneiro* e *carta* formamos *carteiro*, como exemplificou Saussure. Isto prevê como viáveis formações como ?pedredo, a partir de *rocha*, *rochedo*, *pedra*; ?locajejo, já referido acima, a partir de *lugar*, *lugarejo*, *local*. Ora, a diferença empírica entre esta abordagem e a que estabelece regras específicas vai depender do que se considere suficiente para formular uma regra de formação de palavras: se considerarmos que basta uma relação transparente para estabelecer uma regra, então a diferença empírica desaparecerá. O que permanece como distinção entre as duas propostas é a formulação de um princípio geral em oposição à listagem de inúmeros casos específicos de aplicação.

A diferença entre uma proposta e outra, portanto, reside na superioridade teórica da formulação de um princípio geral, na proposta saussuriana, embora possa ser relevante a utilidade de especificação de processos na descrição de léxicos particulares.

Uma vantagem adicional na abordagem da analogia em comparação com a utilização de regras é que a analogia, pelo mesmo princípio, dá conta de formações esporádicas, quer de caráter regressivo, expressivo ou outros, que promovem o nascimento ou ressurreição de afixos e radicais, tais como nos exemplos clássicos de *cheeseburger* a partir da reanálise de *hamburger* ou *sarampo* a partir de *sarampão*.

Assim, vemos que, dada a relação indissolúvel entre relações sintagmáticas e relações associativas, o mecanismo de analogia pode funcionar em termos gerais, e é suficiente haver um par transparente para que o mecanismo possa ser aplicado. O essencial é reconhecermos pelo menos um signo como motivado, sem o que não se pode ter o mecanismo de analogia; mas esta motivação tanto pode existir previamente na língua quanto ser imaginada ou percebida pelo falante/artista, que vê o que está latente, o que os outros podem não ver imediatamente. Esta é a condição do sistema saussuriano de relações.

Em suma, depois de muitas décadas de pesquisa linguística, ainda temos muito a aprender com Saussure e agradecer a seus discípulos pelo legado que conseguiram recuperar para a humanidade.

## REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. *Word Formation in Generative Grammar*. L.I. Monograph I. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo, São Paulo: Ática, 1987.

DE MAURO, T. *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure: Edição crítica. Paris: Payot, 1972.

GODEL, R. *Les Sources Manuscrites Du Cours de Linguistique Générale* de F. de Saussure. Genève: Librairie Droz, 1957.

JACKENDOFF, R. Morphological and Semantic Regularities in the Lexicon. *Language* 51 (1): 639-71, 1971.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1916.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de A. Chelini, J.P. Paes e I. Blindstein. São Paulo: Cultrix, 1972.